



Um laço social revisitado na televisão: traços de uma memória teleafetiva¹

A social bond revisited on television: traces of a television affective memory

Mario Abel Bressan Júnior²

Palavras-chave: comunicação; televisão; memória teleafetiva; redes sociais; Canal Viva.

Este estudo objetiva apresentar a formação de uma memória teleafetiva do telespectador diante de um laço social revisitado tempos depois.

Para Wolton (1996) a TV de massa adquire duas funções parcialmente distintas, a de sustentar o laço social na sociedade, que é padronizada e, ao mesmo tempo, conceder este laço num contexto que aparece cada vez mais contraditório. Por isso ela é uma atividade transversal e que religa indivíduos a uma mesma bagagem, comprovando sua força.

Para o autor, a televisão serve como instrumento de comunicação entre indivíduos pelo fato de pautar suas conversas sobre o que se vê na TV e não ao que se assiste. Por isso ela é um objeto que possibilita a conversação, dentro e fora de casa, sobre o conteúdo exibido. “Nisso é que ela é um laço social indispensável numa

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Publicitário, Doutor em Comunicação Social pela FAMECOS (PUCRS), Professor universitário e coordenador dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina. Líder do Grupo de Pesquisa Redes e Convergências Tecnológicas (RCT) - UNISUL. Membro do Grupo de Pesquisa Televisão e Audiência (GPTV) - PUCRS / UFRGS. marioabelbj@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários” (WOLTON, 1996, p. 16).

Nesta pesquisa, partimos do conceito de Wolton (1996) para confirmar que existe uma memória teleafetiva da audiência ao revisitar imagens e recriar um laço social instituído no passado. Para isso, analisamos o Canal Viva no Brasil, do Grupo GloboSat, que consiste numa programação que, na sua maioria, pertence ao arquivo da Rede Globo de Televisão e possui uma grade formada por telenovelas, programas de humor, musicais, seriados, filmes antigos e algumas produções do próprio canal.

Nas demais instituições, a formação do laço social já se estabelecia. Na igreja, no trabalho, na escola, na família, nas “práticas institucionalizadas”. Conforme descrito por Wolton, sempre houve a formação de um traço ligando os indivíduos. Porém, com o advento da televisão, isso passou a ser percebido no campo da recepção. Para ele, a televisão tornara-se o “espelho” da sociedade, no qual o espectador poderia se ver.

Entender esta função de unificação diante das lembranças é importante, visto o crescimento e valorização dos estudos sobre memória. A TV, no caso do Canal Viva atua como dispositivo para recordações, impulsionando reações afetivas e que são necessárias para compreender o prazer de assistir uma programação *déjà vu*.

A ação de reconhecer algo faz sentido na elaboração da memória. O reconhecimento, por exemplo, de acordo com Bergson (1999), é o ato capaz, concreto, pelo qual reassumimos o passado no tempo presente. É com a percepção das imagens que se chega ao reconhecimento. Para o autor, há duas formas de se explicar o *déjà vu*: ao encontrarmos uma pessoa pela primeira vez, percebemo-la de forma natural. Ao reencontrá-la, em uma segunda situação, reconhecê-la-emos pelas circunstâncias gravadas na percepção obtida no primeiro encontro. Isso provocaria um desenho sobre a imagem atual, que não é o mesmo. Seria uma mescla de algo visto no passado com o que é visto atualmente. Ao rever a pessoa, lembranças do primeiro encontro com ela, como algumas características físicas, por exemplo, voltariam à memória e reconfiguraria a imagem atual.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Nessa perspectiva, a televisão consiste em um dispositivo que produz imagens e lembranças constantes aos telespectadores. Ao reprisar um programa, esta expõe elementos que serão percebidos e, com isso, uma recordação será impulsionada. O arquivo televisivo carrega consigo esta qualidade de rememorar um tempo passado.

Acreditamos que, quando essas reminiscências são compostas por sentimentos, temos uma memória que, além de afetiva, passa a ser teleafetiva, faz vibrar ainda mais o pensamento, visto que a TV envolve os indivíduos em experiências individuais e coletivas, de forma igualitária, como definido por Wolton (1996).

O déjà vu na televisão possibilita laços constantes. Quem assistiu a uma programação há tempos está inserido em laço social. Assim, quando revê a cena, além do laço formado naquela época, outros são constituídos, a partir de uma memória resgatada.

A figura a seguir demonstra o laço social sendo reconstruído através dos impulsos das recordações.



Figura 1 - Laço social reconstruído com as recordações. Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Mesmo sendo uma atividade individual, a memória é formada pela participação do indivíduo em grupos, define Halbwachs (2003). Este fato ocorre, porque, para ele, as pessoas lembram-se de situações que são e foram constituídas em grupos de referências.

Halbwachs (2003) explica que nossas lembranças se constituem na coletividade e são sempre lembradas por outros, porque nunca estamos sós.

A memória é considerada um espaço onde guardamos as informações que adquirimos ao longo da vida, um lugar de armazenamento. As lembranças surgem



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

porque estão inseridas neste ambiente. São emitidas cada vez que a memória é chamada, ou seja, só é possível “chamar” as recordações porque estão dentro de uma memória (IZQUIERDO, 2016).

Além de ser evocada, a memória exerce um papel sociocultural relevante, na medida em que traz contextos significativos para a compreensão de como vivem e atuam as sociedades.

Izquierdo (2011, p. 11) destaca que a memória consiste na “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. O sujeito adquire porque aprende e, por isso, só registra o que foi aprendido. É a partir deste registro que as evocações aparecem. Para o autor, a “evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos [...]”.

No entanto, este arquivamento também acontece em função do contato social e coletivo que possuímos. Aprendemos e guardamos reminiscências pelo contato com outras pessoas e com os grupos de referências.

Importante pensar neste aspecto, visto que a memória vem trazer esta reconstrução sobre uma lembrança, seja através de amigos, familiares ou até mesmo revisitando uma cidade, um conhecido ou antigo local de trabalho. Todos trarão recordações que serão otimizadas diante da interferência do hoje, mas que houve uma interação social.

A visita aos lugares faz relembrar fatos que podem ser pessoais, únicos. Todavia, estão ligados também a outros sujeitos, pelo mesmo ambiente e espaço provocador da lembrança. A coletividade se dá por este mesmo ponto.

A presença do indivíduo em um grupo não necessariamente deve ser fisicamente, mas na forma adotada para retomar às formas de pensamentos e vivências proporcionadas pelo grupo. "Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível." (HALBWACHS, 2003, p. 31). Esta participação coletiva vai além da presença física, pois está ligada a outras formas de "estar junto". Os



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

sujeitos podem partilhar de momentos comuns ao revisitar uma cidade em que ele conheceu com familiares. No momento deste retorno, ele está sozinho. Contudo, a primeira vez em que ele foi até lá, havia outras pessoas consigo.

Da mesma forma em que ao viajar sem a presença de uma companhia a um país desconhecido, mesmo só, sem ninguém próximo para conversar, outros indivíduos estão ali, construindo juntos os pensamentos e as lembranças sobre aquele lugar.

O mesmo podemos relacionar com o hábito de assistir TV. A programação apresentada por ela faz com que as pessoas tenham contato com um outro grupo de referência, neste caso as pessoas, as histórias e todos os conteúdos inseridos nela.

A televisão consiste em um dispositivo que produz imagens e lembranças constantes aos telespectadores. Ao reprisar um programa, esta expõe elementos que serão percebidos e, com isso, uma recordação será impulsionada. O arquivo televisivo carrega consigo esta qualidade de rememorar um tempo passado.

Acreditamos que, quando essas reminiscências são compostas por sentimentos, temos uma memória que, além de afetiva, passa a ser teleafetiva, faz vibrar ainda mais o pensamento, visto que a TV envolve os indivíduos em experiências individuais e coletivas, de forma igualitária, como definido por Wolton (1996).

Para esta pesquisa, utilizamos como metodologia aplicada, a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011), a qual estabelece a investigação sobre os sentidos semânticos dos comentários dos telespectadores publicados no site de rede social twitter, observando os verbos, os adjetivos e expressões que proporcionam um sentido. Os resultados mostraram que, além de afetiva, há uma memória teleafetiva, resultante dos efeitos emocionais advindos com a televisão, da socialização e dos afetos construídos com os grupos de referência.

O Canal Viva passa a ser um lugar de revisitação, que evoca as memórias e as afetividades do público. Há um prazer em voltar ao passado por constituir um laço social reconstruído pelas rememorações, no qual a TV fez parte dos momentos particulares e coletivos das pessoas.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A memória afetiva é adquirida desde a infância, pelos sentimentos que formam os indivíduos e as pessoas e os grupos sociais nos quais elas vivem, auxiliam nisso. Os grupos de referência interferem para a aquisição dos sentimentos e a TV consiste num destes conjuntos, que além de auxiliar na formação dos afetos, tem a possibilidade atuar como objeto de evocação da memória.

O déjà vu na televisão possibilita laços constantes. Quem assistiu a uma programação há tempos está inserido em laço social. Assim, quando revê a cena, além do laço formado naquela época, outros são constituídos, a partir de uma memória resgatada.

O Canal Viva tem o indicativo de potencializar as memórias de um tempo, que foi significativo, vivido, mas que ficou para trás. Volta com a reexibição da programação. É pelo grupo de referência, diz Le Breton (2009), que a emoção é indicada.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2ª reimp. da 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, maio/ago. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006>. Acesso em 10 de ago. 2016.

_____. **Memória**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.